

MÁRIO DE CARVALHO

Entrevistado por Maria Augusta Silva

DEZEMBRO 1992

(na ocasião em que foi distinguido com o Prémio de Conto
da Associação Portuguesa de Escritores)

Coloquem-lhe os epítetos que entenderem. Onírico. Fantástico. Metafórico. Lexicológico. Será tudo isso. Ou também isso. Mário de Carvalho, o conto. Escritor tão capaz de nos ganhar o riso como de subtilmente nos inquietar. Agnóstico que define muitas das suas personagens como um misto de Deus e do Demónio. A narrativa deste advogado rendido à ciência traduz um desafio. Por uma razão simples: cria e recria, inventa, sem nunca perder de vista que toda a escrita é um processo de amor e de aventura.

A escrita em torno do imaginário é a fuga do advogado à prisão dos decretos?

É a minha forma dar uma ajudinha a Deus. De ajudá-lo a construir um mundo muito mais completo, mais rico. Se calhar, mais complicado e também mais perverso. Cabe-nos um pouco esse papel de coadjutores.

É Deus quem precisa dos homens ou os homens a precisarem de Deus?

Deus precisa dos homens, porque o mundo foi feito muito imperfeito. Cabe-nos acrescentar aquilo que Deus não completou: mais personagens, mais situações, mais imaginário.

E um mundo mais perverso... Ainda mais?

Mais, no sentido de revelar as raízes da perversidade que por aí existem.

Denúncia da hipocrisia, é isso que procura com o seu fantástico?

Não denuncio coisa nenhuma. Procuro acrescentar novas dimensões ao imaginário dos homens; nós saímos de cá, então, temos de deixar novas personagens e situações, novas interrogações, novas propostas.

Acredita numa só vida?

Só tenho razões para acreditar numa vida. Quanto ao resto nada sei. E como sou de formação profundamente racionalista não me atrevo a especular sobre outras vidas.

Sendo tão racional, porquê o imaginário?

Porque sabemos muito pouco de nós. E o pouco que sabemos foi à

custa de muitas lutas, perseguições. Agarro-me sempre ao científico. É a ciência que nos dá tudo, por mais contingente que seja. Tenho uma enorme admiração pelos investigadores.

A ciência é o código máximo do homem?

É o código possível. Mas não temos que nos apavorar. Assusta-me, sim, a propaganda a coisas como signos e ocultismos.

Nunca se orientaria pelos astros?

Não. Escandaloso ver pessoas que tentam fazer passar essas coisas.

Pode ser outro imaginário. Não lhes reconhece esse direito?

Acho muito bem que as pessoas deem largas à sua imaginação, mas de uma maneira em que as regras do jogo estejam definidas.

Quando chama o imaginário aos seus livros, define essas regras?

O quadro está perfeitamente definido. Ficciono e projeto-me nesse campo como ficcionista. Mas não convenço ninguém, nem subestimo um dos objetivos mais maravilhosos que o homem conseguiu até agora — o conhecimento científico.

Cientificamente, o que é o homem?

Um animal racional, e dizer isto não é pouco, é muito.

Para um criador do fantástico não é contraditório reduzir o homem a um animal racional?

De maneira nenhuma. Um ser racional concebe Deus e o infinito. É um ser que sabe a morte. A minha cadela e o meu gato não sabem que a morte existe.

Os animais pressentem-na...

É uma questão meramente funcional. Procuram um lugar, quando estão a morrer. Nós sabemos mais. Sabemos que o universo é espantosamente grande. Inatingível. Temos portanto essa aventura fascinante. Mas é por não conseguirmos apanhar a totalidade, por não sermos Deus, que vamos preenchendo com o sonho, com as nossas ficções, a distância que nos separa dessa imensidão. Isso é coadjuvar Deus. Mas nunca nos podemos substituir a ele. Digo-o à vontade, sou agnóstico.

Nunca vi um agnóstico invocar tanto Deus...

Que tem isso?! Com que direito alguém pode dizer que Deus existe, mas também com que direito alguém pode dizer que Deus não existe? A única coisa que nós, homens, temos é a nossa racionalidade. A capacidade de medir e descobrir o universo, sabendo sempre que, quando caminhamos para o horizonte, ele fica cada vez mais distante.

Por que não trocou a advocacia por uma carreira científica?

Porque sou incapaz de fazer uma conta. Não direi *maldita matemática*, são antes limitações pessoais.

Mas tem de fazer juízos de valor...

Não faço muitos. Sou extremamente cauteloso quando encaro os homens. Não há nenhum grande homem perante o seu criado de quarto. Não se pode absolutizar nenhum dos homens.

É por isso que nos seus contos não existem propriamente heróis?

As minhas personagens são minimamente complexas, para eu ser mais realista. Pode parecer estranho que, sendo um autor de muitos livros dedicados ao fantástico, fale em ser realista. Mas é assim. Há

personagens de tamanha complexidade, que são um misto de Deus e do Demónio.

E volta a Deus. Já tentou interrogar-se mais a si próprio?

É por me interrogar que estou à vontade para falar em Deus, sem lhe atribuir vontades, mas também sem o limitar no meu mundo pessoal. Ao falar em Deus tenho apenas presente a extrema e maravilhosa complexidade que temos pela frente. Não suporto é a arrogância de quem tenta apropriar-se disso contra a minha liberdade.

Como advogado acha que pode julgar uma verdade em absoluto?

Penso que não há absolutos. Há um velho ditado que diz que *a verdade está no fundo de um poço*.

Quando se condena, castiga-se o quê?

Procura-se uma certa ordem social. Situamo-nos na verdade formal. A única possível para os humanos.

Pode haver falhas?

E há perfeita consciência disso. Um criminoso pode ser absolvido por não haver provas de acordo com as regras processuais.

E não podem falsas provas condenar um homem?

É raro, mas acontece. Creio, no entanto, que Portugal se pode orgulhar de ter uma justiça isenta e não corrupta. Há decisões contraditórias, há falhas, porque os agentes da justiça são homens e não pode exigir-se-lhes que sejam Deus.

O livro que vê agora premiado [Quatrocentos Mil Sestércios Seguido de O Conde Jano] revela o seu pendor pelos Romanos. Que fascínio é esse?

Estamos impregnados de cultura romana. Ainda hoje utilizamos "institutos" que vêm do Direito romano. E a língua que falamos é uma variante romana do latim. É um povo com senso de humor.

Pois, mas atiravam os homens às feras...

Numa civilização extremamente culta havia essa coisa horrorosa. É como se houvesse uma necessidade compulsiva de matar.

O homem só se completa na violência?

Penso que não. Mas a história até aos nossos dias é profundamente sangrenta. Guerras. Chacinas. Tenho esperança de que as coisas mudem. Já reparou que o homem é o único animal que se depreda um ao outro?!

Ponha um lobo gordinho à frente de outro esfomeado e diga-me...

São situações extremas e raras. Com os homens não é isso que se passa. E qual será o gosto de produzir sangue e dor? Tive um tio — o melhor homem do mundo — que, sem saber nadar, duas vezes se atirou a um rio para salvar um cão e uma mulher. Todavia, caçava. A caça, a tauromaquia, atividades, entre outras, que são, no entanto, perfeitamente respeitáveis. Mas esta necessidade que o homem tem de matar inquieta-me. E sabemos todos que não tem nada que ver com fatores culturais.

Pensem em coisas melhores. O Prémio de Conto da APE repõe este género literário no lugar que merece?

Não exatamente. Repare que o prémio do conto é inferior ao do romance. E não sei se o de poesia ainda é menos. É evidente que são critérios de ordem prática e não de má vontade.

O romance tem mais público...

Vende mais. Mas sempre tivemos bons contistas. José Cardoso Pires, por exemplo. Mário Dionísio, tão esquecido; Teresa Veiga, Maria Ondina Braga.

Mas nem um Nobel para animar as hostes!...

Nem precisamos. A nossa literatura é pouco conhecida, porque muitos povos nem sabem que existimos. Mas isso não quer dizer que não tenhamos uma grande literatura. Se há um inglês que não sabe quem foi Fernão Mendes Pinto, se há um francês que não sabe quem foi Diogo do Couto, é um problema de puro analfabetismo deles. Nós não precisamos de nos pôr em bicos de pés. Temos uma das grandes literaturas do mundo. Resulta de uma língua de cultura.

Uma língua que Mário de Carvalho procura dinamizar, usando vocábulos quase ignorados?

A nossa língua é muito rica. Raramente encontramos uma sinonímia perfeita. Mas há uma quantidade de matizes, de notas, que podem utilizar-se como na música. Recuso-me a limitar a língua portuguesa a um vocabulário básico. Temos que lhe dar a maior expressividade e colocar ao leitor a complexidade das personagens, a riqueza de atmosferas que exijam o dedilhar dessa complexidade.

UM PORTUGUÊS INQUIETO

Quem é Mário de Carvalho?

Um português preocupado. Inquieto.

Um homem que sonha?

É evidente que sonho. Se não sonhasse, não era capaz de fazer

coisas que tenho feito.

Atormenta-se quando escreve?

Há um laboratório cá por dentro onde as coisas se vão elaborando, a insónia vai trabalhando, até chegar a seleção e a passagem ao teclado.

Muitas insónias?

Algumas. E tenho pena de não me levantar a meio da noite para recolher ideias. Mas há mecanismos internos que vão laborando, uma espécie de formiguinhas, até o texto aparecer quase pronto.

Novos títulos?

Uma narrativa mais longa. Talvez novela, talvez romance. Fios a cruzarem tempos atuais e tempos idos. Mas tenho alguma dificuldade em tocar os tempos atuais.

Os tempos atuais assustam-no?

São muito incertos. Na escrita de teatro e nos guiões para televisão torna-se mais fácil abordar os problemas do quotidiano. Esta afirmação pode parecer escandalosa, mas sinto que é assim.

Entre o real e o fantástico, os seus livros têm contornos de poesia. Poeta, também?

Não. Só fiz uma ou outra poesia quando precisei de um remendo para qualquer personagem. Se os meus livros têm laivos poéticos, essa será a minha forma de fazer poesia, mais nenhuma.

Um homem apaixonado?

Raramente. Mas às vezes dá-me forte e feio. Pergunto-me, depois: *como foi possível envolver-me daquela maneira?!*

O Acordo Ortográfico foi uma dessas fortes paixões?

Foi. Fiz trinta por uma linha. Havia pessoas que se consideravam titulares da língua portuguesa, a falarem daquilo que não sabiam. Isso motivou-me. Agora já não tenho paciência para pensar nisso.

Encara a hipótese de viver só da escrita?

É uma hipótese. Mas sou muito indisciplinado a escrever. Não fico horas a uma mesa. Levanto-me. Risco tudo. Depois, volto.

© *MARIA AUGUSTA SILVA*